

How the Workers' Parliament Saved the Cuban Revolution: Reviving Socialism after the Collapse of the Soviet Union

PEDRO ROSS LEAL

New York: Monthly Review Press, 2022. 288p.

*Victor de Souza Cardoso**

*Antônio Batalha***

Embora não seja o mais afamado intelectual e militante da recente história cubana, Pedro Ross Leal atuou não apenas diretamente nos processos que levaram à derrota do governo de Fulgêncio Batista (1952-1959) e à consequente Revolução na ilha, mas também nos anos que a seguiram, seja como professor, no período das campanhas de alfabetização, na década de 1960, seja como Secretário Geral da *Central de Trabajadores de Cuba*, ou ainda, como embaixador cubano em Angola, atividade que exerceu até 2012.

Pelas suas lentes, conhecemos o objetivo deste livro, *How the workers' parliament saved the Cuban Revolution* [*Como o Parlamento dos Trabalhadores salvou*

* Doutorando em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: victorsouza498@hotmail.com.

** Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino do estado de Alagoas.

a Revolução Cubana], isto é: entender a origem do mal-estar econômico e social vivenciado pela população desse país devido à opressão dos Estados Unidos e à queda do bloco soviético – neste último caso, especialmente no que está relacionado às mudanças nas relações de Cuba com os países que o compunham – e a constituição de um mecanismo social – o Parlamento dos Trabalhadores, criado com o objetivo de aprimorar a participação direta desse grupo nos debates locais e nacionais por meio da apresentação e discussão de problemas, necessidades e preocupações e possíveis soluções.

Para tanto, Leal divide o texto em duas partes. Na primeira, trabalha os anos 1980 e 1990, percorrendo sobre a política internacional e nacional do período. Relata os impactos da crise do modelo soviético e seus “produtos” subsequentes para o imaginário do socialismo no mundo, colocando à baila que muitos dos óbices afligidos a Cuba, como o desabastecimento, foram/são resultados do embargo dos EUA. Em seguida, o autor elabora considerações acerca da construção do Parlamento dos Trabalhadores – na qual foi testemunha ocular e participante ativo –, apresentando os processos de sua criação e execução, entre os anos 1993 e 1994, e algumas situações ocorridas nesse ínterim. Na segunda parte, Leal faz um levantamento da história de Cuba desde a Conquista espanhola da ilha até a contemporaneidade. Para isso, destaca os massacres indígenas, a escravização negra, as guerras e a formação étnica, mostra como foi cimentada a estrutura da sociedade cubana, bem como coloca à luz os seus principais agentes políticos, nomeando-os. Com isso, traz elementos que permitem elucidar alguns traços gerais da História cubana e compreender como os cubanos conseguiram responder e sobreviver à crise dos anos 1990, também ensejando ao leitor um cabedal de conhecimentos sobre acontecimentos ocorridos no período anterior à Revolução.

Leal reafirma o papel do Parlamento dos Trabalhadores como instrumento de diálogos entre os sujeitos de diversos segmentos, como os da cultura, da agricultura e da indústria. Esse mecanismo possibilitou vislumbrar quais meios deveriam ser empregados para solucionar ou, pelo menos, atenuar os problemas estruturais que assolavam a economia cubana. Dentre as principais questões, destacam-se: a escassez de recursos básicos para o funcionamento da produção, como água, combustível e energia; a necessidade de aumentar a produtividade e a eficiência no uso dos equipamentos e das matérias-primas; e o aumento do desinteresse pelo trabalho que, por sua vez, impulsionava a indisciplina e o absenteísmo. Nota-se a importância dos debates populares para a manutenção do regime, frente às diversas adversidades, e que a maioria das ações empreendidas tiveram o crivo dos trabalhadores, o que implica uma contranarrativa à ideia de que as ordens eram/são tomadas de maneira vertical na ilha.

No livro, encontra-se a descrição dos caminhos usados pelos cubanos e pelo Estado para driblar o desabastecimento e a inflação nos 1990, sem, contudo, que eles abdicassem dos princípios norteadores da Revolução, tais quais um sistema de saúde e de educação de boa qualidade e condições básicas de emprego.

O autor não se ausenta, portanto, em descrever as diversas questões que a ilha passou e, respeitadas as medidas, ainda passa; todavia, desloca para o plano principal a guinada, na contramão do receituário neoliberal à época, rumo à capacidade do povo cubano de criar estratégias de reorganização/resistência frente aos desafios locais e nacionais, a exemplo dos diálogos realizados com os trabalhadores da produção de charutos e de leite. Com isso, para além das melhorias econômicas, como a criação dos organopônicos, sistema de hortas urbanas orgânicas criados para solucionar a falta de alimentos durante o Período Especial – termo cunhado por Fidel Castro para nomear o período de dificuldades socioeconômicas vividas pelo país durante a década de 1990 – e o aumento na produção de charutos, Leal destaca a importância da continuidade e do desenvolvimento da relação entre o Estado e o povo como forma de garantir a manutenção diária da experiência socialista cubana. Concomitantemente, expõe um conjunto de mudanças na estrutura econômica e política do país: a criação de mercados agrícolas; a abertura ao capital estrangeiro; e a criação de novas leis e de programas para incentivar os setores não tradicionais, a exemplo do turismo e da biotecnologia.

Em linhas mestras, o que se percebe é um livro que almeja dar visibilidade a um país que, supomos, continua sendo desconhecido para boa parte do mundo. Como o escritor mesmo relata, a função do seu trabalho é uma reflexão sobre uma nação, embora continuamente (re)imaginada/criada pela mídia liberal internacional, cujas medidas visando solucionar seus problemas, na década de 1990, mantêm-se parcamente conhecidas. Trata-se, portanto, de um livro que pretende repensar tanto os discursos falaciosos, como o de que o propagado fracasso cubano seria fruto de um ordenamento interno e não das medidas empregadas com o objetivo de asfixiar qualquer forma de desenvolvimento, bem como de uma obra histórica assumidamente de cunho engajada. Seu autor não se furta a uma tomada de posição nem a uma pretensa neutralidade ilusória, uma vez que não é apenas um intelectual cubano, mas também uma testemunha do Período Especial, de modo que o que se tem é uma visão de dentro. A história é contada a partir dos seus diversos agentes, como Fidel e o próprio povo cubano – não raramente, introduzindo trechos das falas desses sujeitos. Leal dá muita atenção ao ex-presidente cubano, concentrando em seus discursos a exposição dos acontecimentos históricos, por vezes relegando ao segundo plano as vozes dos demais sujeitos que os constituíram.

Ainda não publicado em língua portuguesa, o que em tese inviabiliza o acesso de uma maior gama de leitores às reflexões de Leal, o livro nos propõe outra forma de pensar a realidade cubana e a sua história. Ao refleti-la longe dos estereótipos continuamente difundidos, como a ideia do pretenso fracasso ou da verticalização das decisões políticas no país, têm-se uma contranarrativa e um exame minucioso das condições locais. Não somente se pensa a história, mas também se evidenciam os fatos que tornam a situação particular dessa nação caribenha tão emblemática para o resto do mundo e as dificuldades e especificidades do modelo

de socialismo ali construído. Assim, ao finalizar a leitura, percebemos que se trata da reafirmação da experiência cubana a partir da participação e organização da classe trabalhadora que se capacitou (e se capacita) a enfrentar as adversidades latentes ainda hoje. O que se tem é o relato da esperança entendida e praticada em sua máxima expressão.